

FEMININO PLURAL:

Literatura, língua e linguagem nos contextos italiano e lusófono



FEMMINILE PLURALE

letteratura, lingua e linguaggi in ambito lusofono e italiano



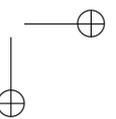
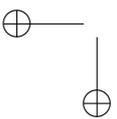
Debora Ricci, Annabela Rita, Ana Luísa Vilela

Isa Severino e Fabio Mario da Silva

(organização)

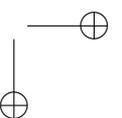
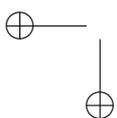


2





**Feminino plural:
literatura, língua e linguagem
nos contextos italiano e
lusófono**





FICHA TÉCNICA

Título: *Feminino plural: literatura, língua e linguagem nos contextos italiano e lusófono | Femminile Plurale: letteratura, lingua e linguaggi in ambito lusofono e italiano*

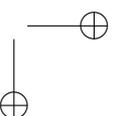
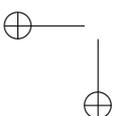
Organizadores: Debora Ricci, Annabela Rita, Ana Luísa Vilela, Isa Severino, Fabio Mario da Silva

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Lisboa, novembro de 2016

ISBN – 978-989-8814-45-6

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto «UID-ELT/UI0077/2013»





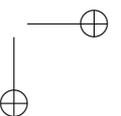
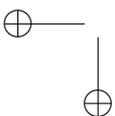
Debora Ricci, Annabela Rita, Ana Luísa Vilela
Isa Severino e Fabio Mario da Silva
(organização)

Feminino plural
Literatura, língua e linguagem
nos contextos italiano e
lusófono

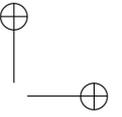
CLEPUL

Lisboa

2016

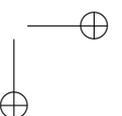
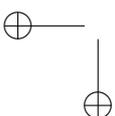


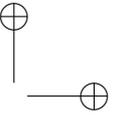




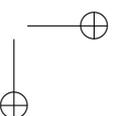
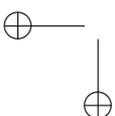
Índice

Debora Ricci, Fabio Mario da Silva	
Introdução	13
Debora Ricci, Fabio Mario da Silva	
Introduzione	15
I Contribuição Especial	17
Rita Marnoto	
O feminino no diálogo luso-italiano	19
II Portugal	43
Aldinida Medeiros	
A garça e a monja: protagonistas femininas de Agustina Bessa-Luís	45
Anabela Galhardo Couto	
Percursos da poesia feminina no barroco português	55
Elisangela da Rocha Steinmetz	
Desejo e transgressão no corpo poético de Judith Teixeira	69
Elisabetta Maino	
Eleonora de Fonseca Pimentel: la portoghese di Napoli	81
Elen Biguelini	
“A pesar de sua imperfeição”: tradutoras conhecidas e anônimas de Portugal na primeira metade do século XIX	93
Evelyn Blaut Fernandes	
Pequenas notas sobre a morte de Melissa. Estudo variável da obra de Maria Gabriela Llansol	107





Magdalena Bąk	
A Pole in Portugal. Maria Danilewicz-Zielińska's fado on literature	117
Maria da Graça Gomes de Pina	
Proibido! Natália Correia, antologista do erotismo	127
Maria do Carmo Cardoso Mendes	
Agustina Bessa-Luís: a superação do eurocentrismo	139
Marisa Mourinha	
Florbela entre poetas — leituras de Florbela Espanca	151
Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento	
Escrever-se: vestígios de si na escrita íntima florbeliana	161
Moizeis Sobreira	
A escrita de romance e a autoria feminina na biblioteca da princesa D. Maria Francisca Benedita (1746-1829)	175
Rui Gonçalo Maia Rego	
Joaquim de Flora e o pensamento de Natália Correia: A Era feminina do Espírito Santo	183
Sara Vidal Maia, Maria Manuel Baptista e Moisés de Lemos Martins	
O regime das imagens femininas no jornal <i>O Ilhavense</i> na década de 1950	191
Suely Leite	
Relações de gênero em <i>A Gata e a Fábula</i>, de Fernanda Botelho	205
Vânia Duarte	
Natália Correia e o feminino reencontrado	217
III Itália	227
Angela Articoni	
Itinerari di iniziazione al genere nella narrativa contemporanea per l'infanzia: Bianca Pitzorno	229
Antonella Cagnolati	
Ler a história com a categoria do género: O diário de Grazia Mancini	243



Feminino plural: literatura, língua e linguagem nos contextos
italiano e lusófono 9

Barbara Kornacka

**“Giovani scrittrici” italiane classe '70: Isabella Santacroce e
Simona Vinci: temi, voci, poetiche** 255

Juliana Cristina Bonilha e Isabel Lousada

**Antes de mais, uma história: a presença italiana feminina no
Almanaque de Lembranças (1851-1932)** 269

Paola Nigro

**Viaggio e scrittura femminile nel Settecento italiano: la mar-
chessa Sparapani Gentili Boccapadule, Isabella Teotochi Albrizzi
e Marianna Candidi Dionigi** 289

Debora Ricci

Qual género de língua? Ensinar o italiano numa ótica de género 305

Elisa Marani

**Il resto di niente (... forse no): dal romanzo al film, all' Italia
contemporanea** 319

Gaspere Trapani

Silvio Berlusconi: Cavaliere ou sultão? 329

Irene Biemmi

**Guys and Dolls Grow Up ... With Television. The Effect of
Mass Media on Gender Roles** 345

Silvia Nanni

**'Pedagogy of dissent' in the feminine: Angela Zucconi and
the 'Progetto pilota per l'Abruzzo'** 357

Silvio Cosco

**A literatura sobre o “brigantaggio” femenino: o caso único de
Maria Rosa Cutrufelli** 367

Teresa Grimaldi Capitello

I soggetti eccentrici di Teresa de Lauretis 377

Teresa Grimaldi Capitello

Donne e letteratura nel Rinascimento italiano 389

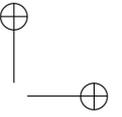
IV Brasil e África 403

Fernando de Moraes Gebra

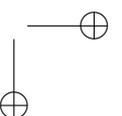
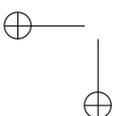
**Reunião de Família ou Alice através do espelho: através do
espelho: gênero e alteridade na obra de Lya Luft** 405

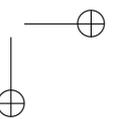
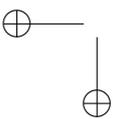
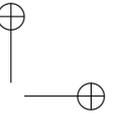
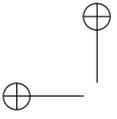
www.lusosofia.net

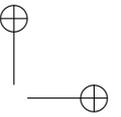
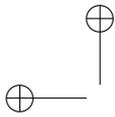
Katia Fraitag e Elisabeth Batista	
Escrita feminina e liberdade: uma análise da condição da mulher em <i>Reunião de Família</i>, de Lya Luft	425
Lilian dos Santos Ribeiro	
A Escrita Política de Rachel de Queiroz e de Eneida de Moraes	439
Luciana Eleonora de F. Calado Deplagne	
Pelos fios das ancestrais. A resignificação textual de atuais escritoras tecelãs: Marina Colasanti, Hilda Hilst, Stella Leonardos e Adélia Prado	453
Renata Ruziska Pires	
Muito além de 50 tons de cinza: o fetiche na literatura feminina do início do século XXI	475
Rosa Cristina	
Letteratura di genere: Nísia Floresta e il suo <i>Opúscolo Humanitário</i>	487
Silvania Núbia Chagas	
Tradição <i>versus</i> Modernidade: a condição feminina em Paulina Chiziane	499
V Estudos Comparados	513
Antonia Ruspolini	
<i>Attraverso lo specchio: Il looking glass</i> woolfiano come strumento d'analisi per la letteratura portoghese di donna. I casi di "A costa dos murmúrios" di Lídia Jorge e "Percursos" di Wanda Ramos	515
Clelia Bettini	
O silêncio do <i>Logos</i>. Maria Velho da Costa e Adriana Cavareiro: um diálogo imaginado	527
Cristiane Ivo Leite da Silva e Elisabeth Battista	
Solidão e condição feminina – a construção da personagem, em Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho	539
Idalina Meurer e Elisabeth Battista	
Ana Paula Tavares e Marilza Ribeiro – emancipação e escrita de autoria feminina	553



Feminino plural: literatura, língua e linguagem nos contextos italiano e lusófono	11
<hr/>	
Isadora Santos Fonseca e Rita do P. S. Barbosa de Oliveira Convergências na poesia do século XX: Astrid Cabral, Cecília Meireles e Sophia Andresen	567
Telma Maciel da Silva Autós ópsis: representações do corpo feminino em Filipa Melo e Angélica Freitas	579



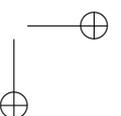
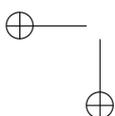




INTRODUÇÃO

Há alguns anos, surgiu um projeto que, sediado no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tinha o objetivo de promover uma reflexão em torno da produção literária de autoras lusófonas e italianas, tendo como modelos as figuras e as obras de Florbela Espanca e de Ada Negri. Nosso intuito é organizar uma edição bilingue que contemple as obras destas autoras - projeto esse que já se encontra em curso. Entretanto, tal relação entre as mulheres e o feminino no âmbito da língua portuguesa e da língua italiana nos despertou para o interesse de promover vários encontros, jornadas e debates, que se desdobrou, por sua vez, na colaboração de vários investigadores para compor este livro que agora vem a lume. O livro está dividido em cinco partes (Contribuição Especial, Portugal, Itália, Brasil e África e, por fim, Estudos Comparados, demonstrando as suas interlocuções), contendo cerca de 42 artigos no total, elaborados por investigadores de vários países e nacionalidades. Recordemos que repensar e analisar a produção literária das mulheres é, ainda hoje em dia, pelo menos no contexto lusófono e italiano, questionar o cânone, denunciar a opressão exercida sobre as mulheres e sobre a sua produção escrita e até as próprias imposições de uma linguagem misógina. É exatamente essa uma das motivações e um dos pontos de discussão que nos levou a elaborar esta obra.

Por fim, ressaltamos que o texto de abertura é assinado pela galegoada investigadora e Professora Doutora Rita Marnoto, da Faculdade de Letras e do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, que nos apresenta um artigo intitulado "O feminino no diálogo luso-italiano". Assinala a estudiosa que as relações entre Portugal e Itália são um território



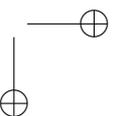
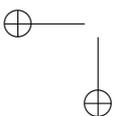


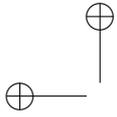
de fronteira com confins vastíssimos e em grande parte inexplorados, não havendo dúvida de que a investigação acerca do papel que as mulheres nele desempenham assume uma função capital para a (re)configuração do seu estudo. Marnoto parte da reflexão que nas últimas décadas tem vindo a ser realizada sobre a interpretação de práticas e conceptualizações sob o ponto de vista do feminino, seguida pela crítica feminista, buscando mapear uma releitura das relações entre Portugal e Itália.

Através destes textos, os editores deste volume acreditam oferecer aos leitores uma estimulante monografia na área dos estudos de gênero e do comparativismo.

Debora Ricci
(Universidade de Lisboa)

Fabio Mario da Silva
(Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
CLEPUL – Universidade de Lisboa)





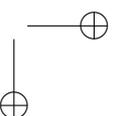
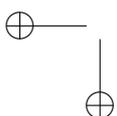
INTRODUZIONE

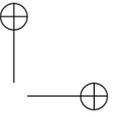
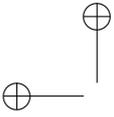
Qualche anno fa è nato un progetto sostenuto dal centro di ricerca della Facoltà di Lettere dell'Università di Lisbona CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, con l'obiettivo di promuovere una riflessione sulle scrittrici italiane e dei Paesi di lingua portoghese partendo dalle opere delle poete Florbela Espanca e Ada Negri. L'intenzione, in procinto di diventare una realtà, era quella di pubblicare un'edizione bilingue con alcuni testi delle due autrici. Questa relazione tra le donne e il femminile e la conseguente riflessione su tali tematiche di genere, ha scaturito l'interesse, così come l'esigenza, di organizzare incontri, congressi e dibattiti che hanno permesso, grazie ai ricercatori e alle ricercatrici che vi hanno partecipato, l'uscita di questo volume.

Il libro è diviso in 5 capitoli (Contributi Speciali, Portogallo, Italia, Brasile e Africa e, infine, Studi Comparati che dimostrano le varie intersezioni) e presenta un totale di 42 articoli scritti da ricercatori e ricercatrici di vari Paesi e nazionalità.

Ripensare ed analizzare la produzione scritta delle donne significa, a tutt'oggi, mettere in discussione il canone, denunciare l'oppressione e la discriminazione che il genere femminile – ed i suoi scritti – ancora subisce. Significa comprendere la natura di questa oppressione anche attraverso la riflessione sulla lingua ed il linguaggio, spesso misogini, che si utilizzano nel quotidiano. È esattamente questa una delle ragioni nonché uno dei punti di discussione che ci ha condotto all'elaborazione del libro.

Infine, vorremmo mettere in risalto l'articolo di apertura "O feminino no diálogo luso-italiano" (Il femminile nel dialogo luso-italiano) della Chiarissima Professoressa Rita Marnoto, Direttrice del Dipartimento di Studi Italiani della Facoltà di Lettere dell'Università e del Collegio delle Arti di Coimbra. Il testo ci induce alla riflessione sulle relazioni tra Portogallo



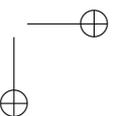
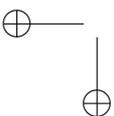


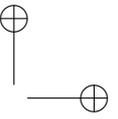
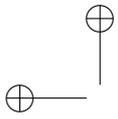
e Italia che costituiscono un territorio di frontiera dai vastissimi confini, in gran parte inesplorati, con la convinzione che la ricerca sui ruoli che le donne in esso assumono, abbiano una funzione fondamentale per la (ri)configurazione di tali studi. Marnoto parte dalla riflessione che negli ultimi tempi si è venuta a realizzare riguardo all'interpretazione delle pratiche e delle concettualizzazioni da un punto di vista femminile, riflessione seguita anche dal pensiero femminista, cercando in questo modo di elaborare una rilettura dei rapporti tra Italia e Portogallo.

Attraverso gli articoli che compongono questo libro, i curatori si augurano di offrire al lettore una stimolante monografia nell'area degli Studi di Genere, Culturali e Comparati.

Debora Ricci
(Universidade de Lisboa)

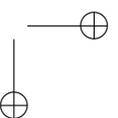
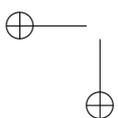
Fabio Mario da Silva
(Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
CLEPUL – Universidade de Lisboa)

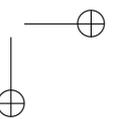
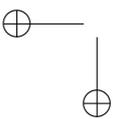
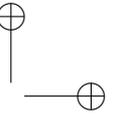
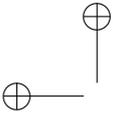


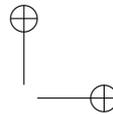


Parte I

Contribuição Especial







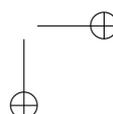
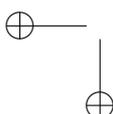
O FEMININO NO DIÁLOGO LUSO-ITALIANO

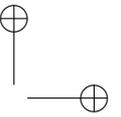
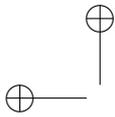
RITA MARNOTO

Faculdade de Letras e Colégio das Artes
da Universidade de Coimbra

A releitura das relações entre Portugal e Itália à luz das perspectivas feministas e dos estudos de género configura-se, na actualidade, como um imperativo metodológico que responde a requisitos basilares de ordem científica e cívica. Por um lado, não há capítulo da narrativa desse espaço de relacionamento que possa ser verdadeiramente escrito à sua margem, e nas últimas décadas, ao nível teórico, o campo dos estudos de género foi intensamente explorado, em particular pela crítica anglófona, existindo actualmente excelentes instrumentos de conceptualização metodológica¹. A comunicação em rede não só facilita o acesso à crítica especializada, mas permite uma troca de ideias e experiências, em vários planos, que põe à disposição da/o estudiosa/o um manancial de materiais. Por outro lado, saliente-se que o investimento neste domínio de estudos responde a requisitos da mais lúdica ordem cívica. Hegemonizada por centrismos

¹ Valha por todas a remissão para Ellen Rooney (ed.), *The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory*, Cambridge, Cambridge Companions to Literature, 2008. Para uma perspectiva acerca do desenvolvimento dos estudos de género em Itália e da sua especificidade, em confronto com outras culturas, ver Paola Di Cori, "Sotto mentite spoglie. Gender Studies in Italia", *Cahiers d'Études Italiennes*, 16, 2013, pp. 15-37, bem como os conteúdos deste número temático da revista, intitulado "On ne naît pas... on le devient". *I gender studies e il caso italiano, dagli anni Settanta a oggi*, Lisa El Ghaoui e Filippo Fonio (eds.).

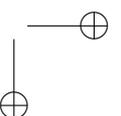
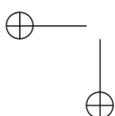


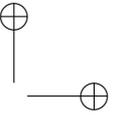


polarizados pelo masculino, aos quais se associam outros de incidência política, geográfica ou económica, a mulher tem vindo a ser relegada, ao longo dos séculos, para a esfera do subalterno e do dominado, cabendo aos estudos de género um papel fulcral na desmistificação e na desmontagem de ultrajes aos mais elementares direitos e deveres da *polis*.

A aplicação desta metodologia de estudo às relações entre Portugal e Itália oferece, porém, potencialidades críticas particularmente vivas. Os grandes avanços, verificados no domínio conceptual, que acabaram de ser referidos, têm-se vindo a processar à luz de um intenso diálogo com a literatura comparada e com os estudos culturais ou, de um modo mais lato, com tendências do pós-estruturalismo que de uma forma ou de outra incidem sobre a diversidade, combatendo qualquer tipo de reducionismo. Por conseguinte, no plano metodológico, está em causa um campo de estudos sustentado por uma leitura cruzada e vinculado a domínios disciplinares muito vastos. Mas quando essa perspectiva de abordagem passa a incidir sobre as relações entre Portugal e Itália, o seu espectro dilata-se ainda mais, em virtude da densidade do campo de estudo em causa. As relações entre Portugal e Itália são ancestrais, próximas e contínuas ao longo do tempo. Oferecem-se, pois, como domínio de pesquisa privilegiado, pelo manancial de assuntos e matérias cujo tratamento propiciam. Por conseguinte, a associação de uma metodologia aberta e dinâmica a um campo de estudos muito rico erige-se em catalisador da fecundidade do horizonte que assim se abre.

Como acontece com qualquer campo de estudos em fase de afirmação, os desafios não faltam. As valências inclusivas que comporta requerem desde logo a revisão de muitas tradições e pontos de vista instalados, e a configuração da planimetria do vastíssimo terreno a explorar exige um substancial investimento de base. Da mesma feita, o panorama crítico que assim fica delineado é sem dúvida altamente exigente para a/o estudiosa/o, no que diz respeito à mestria de conhecimentos bastante diversificados num nível que não se pode limitar à superfície. A isto acresce o lugar para o qual a Universidade portuguesa da actualidade tem vindo a relegar, nos últimos anos, os estudos italianos e luso-italianos. Contudo, o valor dos materiais a estudar e a determinação e a preparação das novas gerações, traduzidas pela organização desta *I Jornada de Estudos de Género*, em âmbito luso-italiano, são grandes motivos de congratulação.

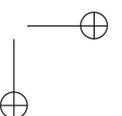
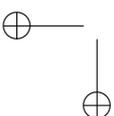




A incidência deste conjunto de questões sobre o diálogo luso-italiano comporta uma matriz fundacional que anda ligada, *ab initio*, a circunstâncias históricas potenciadas por valências de género. Portugal, como nação, desenvolve-se a partir de um enlace matrimonial com a casa de Sabóia, do qual nasce a primeira dinastia de monarcas portugueses. A história denominou-a como borgonhesa, pois o seu fundador, Afonso Henriques, era filho de Henrique da Borgonha, assim eludindo a linha materna, que é de Sabóia.

As razões deste casamento, que se teria realizado em 1145, foram expostas em páginas e páginas de historiografia portuguesa e italiana. Prendem-se com uma estratégia política europeia. A primeira rainha de Portugal era filha de Matilde de Albon e de Amedeo III, conde de Sabóia, de Aosta e Moriana e marquês de Susa, que foi o primeiro senhor a intitular-se *marchese d'Italia*². Faleceu heroicamente, quando regressava da II cruzada com o sobrinho, Luís VII de França, ao comando de uma armada organizada pelo papa Eugénio IV. A filha de Matilde e Amedeo pertencia a uma família plenamente inserida nas altas esferas do xadrez político centro-europeu. Era prima de Luís VII de França, mas também prima do Imperador de Leão, sobrinha-neta da imperatriz Berta casada com Henrique IV, aparentada com Guido de Borgonha, o arcebispo de Vienne que depois subiu ao sólio como papa Calisto II, com Rogério II da Sicília e com os Berenguer de Barcelona e de Leão. Para um monarca em busca de reconhecimento, como o era Afonso Henriques, esse matrimónio foi um importante passo no sentido de uma afirmação no círculo das grandes casas europeias. Desprende-se desta malha uma proximidade com Bernardo de Claraval que enquadra a doação do couto de Alcobaça à ordem de Cister e a concomitante estabilização do domínio territorial a

² Informação detalhada em Francesco Cognasso, "Amedeo III, conte di Savoia", in *Dizionario biografico degli italiani*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, vol. 2, 1960, pp. 737-739. Sobre os casamentos entre a casa de Sabóia e as várias casas reinantes da monarquia portuguesa, aos quais se fará de seguida referência, ver Maria Antónia Lopes, Blythe Alice Raviola (eds.), *Portogallo e Piemonte. Nove secoli (XII-XX) di relazioni dinastiche e politiche*, trad. Gianluca Miraglia, Blythe Alice Raviola, Roma, Carocci, 2014 [*Portugal e o Piemonte. A casa real portuguesa e os Sabóias. Nove séculos de relações dinásticas e destinos políticos (XII-XX)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012].



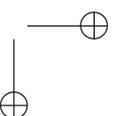
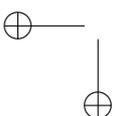


Sul, e também com as altas esferas de Cluny, ordem à qual é confirmada a doação, a Norte, do mosteiro de Vimieiro em Guimarães.

O número de páginas que tem vindo a ser dedicado à exploração desta estratégia contrasta, porém, com o silêncio sob o qual a figura da primeira rainha de Portugal se esfuma. É certo que há circunstâncias históricas que o podem explicar. Mas a esposa de Afonso Henriques continua a ser, ainda hoje, uma mulher à espera de um nome. Chamar-se-ia Mafalda ou Matilde? As referências que os arquivos coevos lhe fazem são fugazes. Como chegou a Portugal? Há vagas notícias de que apoiou a construção de pontes e albergarias nas rotas de peregrinação. Sabe-se também que deu à luz seis filhos, três raparigas e três rapazes, em partos muito difíceis. A este propósito, os testemunhos são menos fugidios, numa atitude que hoje diríamos essencialista³. Invocava Santa Marinha nas horas de aflição e a fundação do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, dever-se-á à promessa que fez num desses momentos. A Santa ao qual é consagrado é padroeira das grávidas e, como se de um reflexo de espelhos se tratasse, também o seu verdadeiro nome suscita muitas dúvidas. A função obscurece a denominação. Mafalda, Matilde ou outro nome que fosse deu à luz seis filhos, três dos quais rapazes.

A este casamento régio na casa de Sabóia, outros se seguirão ao longo do tempo. A segunda rainha desta mesma família leva-nos até à quarta dinastia portuguesa, a de Bragança, a qual estreita as relações com essa mesma casa, por via matrimonial, em duas ocasiões. Maria Francesca Elisabetta, filha de Carlo Amedeo de Sabóia, duque de Nemours, de Aumale e de Genevois, e de Elisabetta Bourbon-Vendôme, desposou em 1666 Afonso VI de Bragança, filho de D. João IV e de D. Luísa de Gusmão. Portugal sacudira há pouco tempo o domínio espanhol dos Habsburgo e a opção enquadrava-se num quadro filo-francês, porquanto o duque de Sabóia dependia de Luís XIV, rei de França, que apoiou o matrimónio. Mas o casamento tinha grandes vantagens para os cofres portugueses, porque a diferença do coturno entre os noivos foi compensada por um dote farto.

³ Perspectiva explanada, por exemplo, em Romana Luperini, *Di mamma ce n'è più d'una*, Milano, Feltrinelli, 2013.

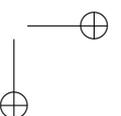
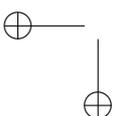




Estão sobejamente documentadas e descritas as longas negociações que o precederam, os festejos que o celebraram e as intrigas que o envolveram. Maria Francesca Elisabetta acompanha bem esse quadro, que capta logo que entra no Paço da Ribeira. Assume um papel decisivo no duro jogo político em que intervém com as suas armas de mulher, compreendendo bem o problema que, em caso de dissolução do seu casamento, a restituição do dote colocaria ao reino português. Por um lado, fala da descendência que espera gerar, por outro lado, argumenta que o seu casamento não foi consumado e faz frente à facção do conde de Castelo Melhor que domina o seu marido, Afonso VI. Acabou por vencer o partido da rainha, protagonista de uma estratégia de poder ousada. Maria Francesca Elisabetta consegue obter a anulação do casamento, para de seguida desposar o irmão mais novo do rei, o futuro D. Pedro II.

A outra rainha de Sabóia foi Maria Pia, a filha pela qual Vittorio Emanuele II nutria um enlevo muito particular. Desposou D. Luís I de Bragança. Em tempos conturbados, as razões estratégicas foram em parte negativas: evitar o absolutismo dos Saxe-Coburgo e dos Hohenzollern, bem como as posições anti-imperiais dos Orléans, apesar de os Sabóia serem aparentados, em grau mais ou menos próximo, com todas essas famílias; e driblar a questão colonial, já que, não tendo os Sabóia territórios ultramarinos, não acrescentariam problemas aos que Portugal já enfrentava, abrindo-se à casa reinante italiana a perspectiva de conquistar novos canais de circulação comercial oceânica. Mas o pano de fundo ideológico deste enlace salta aos olhos. Portugal, estado antigo da Europa, e Itália, jovem estado, contavam-se de entre os países que se regiam por constituições mais avançadas. Aliás, Portugal fora o segundo país a reconhecer o reino de Vittorio Emanuele e acolhera o *Risorgimento* de forma entusiástica⁴.

⁴ Informação actualizada sobre as relações entre os dois países no período do *Risorgimento* no dossiê dedicado à “Unificação da Itália 1861-2011” pela revista *Estudos Italianos em Portugal* em 2011 (n.s., 6, ed. Rita Marnoto). Já em 1849 Carlo Alberto de Sabóia, rei da Sardenha, se refugiara no Porto depois do desastre de Novara (ver Rita Marnoto, “Être à l’extrémité de l’Europe. Il Risorgimento visto dal Portogallo”, in Matilde Dillon, Giulio Ferroni (eds.), *Il Risorgimento visto dagli altri*, Edizioni di Storia e Letteratura, Roma, 2013, pp. 43-59).





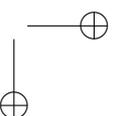
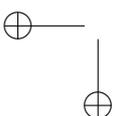
A imagem de Maria Pia traçada pela historiografia é a de uma jovem ativa e caprichosa que leva um tipo de vida muito dispendioso, mas que toma posição em momentos fulcrais, como a revolta do marechal conde de Saldanha ou as relações dos Hohenzollern com Espanha. Entretanto, a popularidade que lhe era assegurada pelos dotes de desempenho público que detinha vai revertendo a favor da casa reinante. A sua determinação e as suas intervenções certas não faziam dela um alvo fácil, mesmo num momento em que a monarquia portuguesa acusava sinais de desgaste⁵.

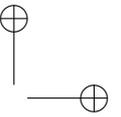
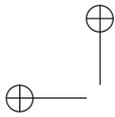
Se o conceito de pátria implica elos gregários que se sedimentam no masculino, tendo por base o pai⁶, o termo expõe aquela discriminação, infiltrada na linguagem, que foi analisada por Hélène Cixous. Mas não se esqueça que uma fundação da nação portuguesa, feita no feminino da mátria, procede da primeira estirpe a intitular-se italiana, com Amedeo III, *marchese d'Italia*, numa simbiose profícua. Foi assim que Portugal nasceu como estado, também por via feminina.

O enraizamento dessas duas casas reinantes, a de Borgonha e a de Bragança, mostra bem o papel histórico do feminino, ao nível das grandes esferas do poder, no diálogo luso-italiano. A primeira rainha de Portugal ficou remetida para uma zona obscura dos arquivos, da qual será difícil redimi-la, mas que por isso mesmo se presta a uma desmontagem analítica. Por sua vez, Maria Francesca Elisabetta e Maria Pia souberam criar espaços de intervenção, mesmo numa esfera em que era dado por descontado que a função primordial da rainha era a procriação. Oferecem, pois, um campo de indagação vastíssimo a explorar pelos estudos de gé-

⁵ Ramalho Ortigão não a poupa, atacando-a pelo seu enlevo maternal: “Em um esórdio sentimental que precede a exposição dos estudos de Vossa Alteza publicada no *Comércio de Portugal*, lêem-se as seguintes linhas: ‘Sua Majestade a Rainha quis especialmente tomar a seu cuidado, seguir dia a dia com grande discernimento, e estremo cuidado, a educação dos filhos’. Deplorável, sereníssimo senhor, profundamente deplorável semelhante intervenção!” (*As farpas*, Lisboa, Livraria Clássica, s.d., vol. 2, p. 49-50, apud Maria Luisa Cusati, “Maria Pia di Savoia Regina di Portogallo. Un cinque ottobre importante”, *Estudos Italianos em Portugal*, n.s., 6, 2011, p. 19).

⁶ Note-se que, para um intelectual italiano do século XIX, o conceito de pátria identifica-se com o mito da Roma antiga republicana, como explica Maurizio Viroli, *Per amore della patria. Patriottismo e nazionalismo nella storia*, Roma, Bari, Laterza, ² 2001, p. 158.



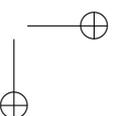
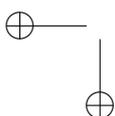


nero, o que também é válido para as duas figuras reais que de seguida iremos referir.

De Portugal, passemos à primeira colónia que se autonomizou, o Brasil, onde o impacto fundador deste modelo de relacionamento luso-italiano se irá perpetuar. De facto, a primeira imperatriz do Brasil foi Teresa Maria Cristina de Bourbon, filha de Francisco I de Bourbon, rei das Duas Sicílias, e de María Isabel, filha de Carlos IV de Bourbon, rei de Espanha. Não foi fácil encontrar uma jovem das famílias reais europeias disposta a rumar ao Brasil, mas Teresa Maria Cristina dispôs-se a isso⁷. Neste matrimónio reside um grande fulcro da italianização oitocentista do Brasil, com a abertura à emigração, predominantemente oriunda do reino meridional dos Bourbon.

Além disso, Portugal teve uma vice-rainha italiana designada em 1635 por Filipe IV de Espanha, III de Portugal: Margheritta de Sabóia, viúva de Francesco Gonzaga. Nem a actual tendência para a idealização das figuras régias a redime daquela mesma “aura nera” em que Dante, no *Inferno*, envolve Semiramis e Dido, mulheres de poder (5, 51ss.). Era filha de Carlo Emanuele I de Sabóia e da infanta Catalina Micaela de Habsburgo, por sua vez segunda filha de Filipe II de Espanha, I de Portugal, e neta de Caterina de’ Medici. As suas bisavós Beatriz e Isabel eram filhas de D. Manuel. Órfã de mãe e entregue a si própria, desde muito jovem lutava por uma intervenção no poder político, sofrendo marginalizações sumárias, mesmo num século que aceitava mais facilmente que o anterior o exercício do poder por mulheres. Foi ela própria a conquistar a sua nomeação, apoiada por sectores da corte de Madrid que pretendiam distrair o rei dos assuntos de Estado. Prestou-se à execução de medidas impopulares, há algum tempo preparadas, mas cuja aplicação tinha vindo a ser adiada, como o aumento dos impostos. A Restauração do 1.º de Dezembro de 1640 pôs fim ao seu poderio. Encontrava-se no Paço quando os conjurados por ele irromperam e defenestraram Miguel de Vasconcelos, revoltados contra oito décadas de governação espanhola, e não deixou por mãos alheias uma tentativa (talvez a única) de os apaziguar. Soube-lhes

⁷ Num quadro descrito por Pedro Calmon em páginas memoráveis: Pedro Calmon, *O Rei filósofo. Vida de Pedro II*, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1938.

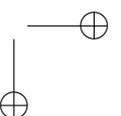
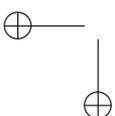


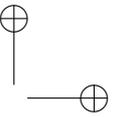
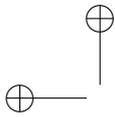


dizer que apoiava o seu gesto e que D. Filipe perdoaria tudo, e foi por eles respeitada.

Um movimento complementar deste há a explorar, o matrimónio de infantas portuguesas em Itália, representado por um único enlace, o da princesa Beatriz, filha de D. Manuel e de D. Maria, por sua vez filha dos Reis Católicos. D. Manuel era um dos reis mais ricos da Europa do tempo. As suas filhas eram peças importantes da estratégia europeia e o casamento foi objecto de apuradas negociações. Depois do matrimónio da princesa Isabel com Carlos V de Habsburgo, num momento em que D. Manuel antevia o fim dos seus dias, o contrato matrimonial de Beatriz com Carlo II de Sabóia é assinado sem delongas em 1521. Festejos exuberantes, partida de uma frota luxuosa e bem armada, dote riquíssimo, para um casamento considerado abaixo do nível da infanta. Com efeito, o financiamento dos cofres de Carlo II permitiu-lhe responder com maior segurança à ameaça francesa nas frentes italiana e helvética. Beatriz interveio nas relações com o imperador em várias ocasiões, devendo-se-lhe a integração de Asti e de Ceva no Piemonte, uma prenda por ela própria recebida de Carlos V. Teve nove filhos, dois dos quais se chamaram Emanuele, em honra do avô português. Apenas um desses dois descendentes sobreviveu, Emanuele Filiberto, mas o antropónimo de Manuel/Emanuele passou a fazer parte da tradição antropónimica dos Sabóia e ainda hoje se mantém. Simetricamente, no século XIX, com Maria Pia o nome Carlo/Carlos entra na casa real portuguesa. A estirpe perpetua-se através de nomes masculinos, mas é graças à mediação feminina, Beatriz que casa em Itália e Maria Pia que casa em Portugal, que esses antropónimos emergem na linguagem.

O facto de Portugal acolher, a par com rainhas de Sabóia, reis dessa mesma casa que perderam o trono, é motivo de reflexão. Esses monarcas foram Carlo Alberto, rei da Sardenha, que se exilou no Porto depois da derrota de Novara (1849), e Umberto II, que se retirou em Cascais quando os italianos escolheram, por referendo, o regime republicano. Podemos perguntar se estas duas situações não contemplarão, de uma forma ou de outras, vertentes não centrais ou mesmo frágeis do jogo internacional. A casa de Sabóia nunca teve uma rainha portuguesa durante o período pós-unitário.





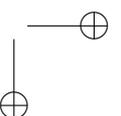
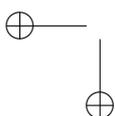
Há que estender este campo de investigação também às mulheres da nobreza que casaram em Itália, um âmbito vastíssimo no qual se sublinham dois nomes, Maria de Portugal e Leonor da Fonseca Pimentel. O seu impacto crítico é bastante diferenciado.

A primeira tinha sangue real, sendo filha do infante D. Duarte e como tal neta de D. João III, e de Isabel de Bragança. Casou com Alessandro Farnese em 1565, num enlace preparado por Filipe II de Habsburgo. Recebera uma educação esmerada e o seu desempenho, como figura que viveu na sombra de um marido que teve uma intervenção político-militar extraordinariamente intensa, foi discreto. Talvez essa seja uma das razões pela qual a crítica não lhe tem vindo a dispensar particular atenção, tratando-se de uma figura a aguardar estudo aprofundado.

A segunda ficou para a história como a “portuguesa de Nápoles”. E, no entanto, Leonor da Fonseca Pimentel nasceu em Roma no ano de 1752, tendo sido baptizada como Eleonora. Filha de Caterina Lopez de León e Clemente Henriques de Fonseca Pimentel, cresceu no seio de uma família portuguesa ligada à jurisprudência. As páginas históricas que um crítico do coturno de Benedetto Croce lhe dedicou, sublinhando o valor da sua intervenção político-intelectual, resgataram-na do esquecimento crítico em que durante muito tempo andou mergulhada⁸. Recebeu também honras cinematográficas, com destaque para a película *A portuguesa de Nápoles*, de 1931, em cinema mudo, com realização de Henrique Costa e interpretação de Maria do Céu Foz; e, mais recentemente, para *Il resto di niente*, de 2004, de Antonietta de Lillo, que tem Maria de Medeiros no papel principal⁹.

⁸ Benedetto Croce, “Una inedita protesta di Leonora De Fonseca Pimentel” [1947], id., *Varietà di storia letteraria e civile. Serie seconda*, Bari, Laterza, 1949, pp. 171-176; id., “Nuove notizie e documenti intorno a Eleonora De Fonseca Pimentel” [1918-1920], id., *Aneddoti di varia letteratura* [seconda edizione con aggiunte interamente riveduta dall'autore], Bari, Laterza, 1954, vol. 3, pp. 126-143; id., “Altre notizie per la biografia di Eleonora De Fonseca Pimentel” [1946], *ib.*, pp. 144-145; id., “Federico Münter e la massoneria a Napoli nel 1785-86” [1937], *ib.*, pp. 168-180; id., *La rivoluzione napoletana del 1799, Biografie. Racconti. Ricerche*, Napoli, Bibliopolis, 1998, *passim*. Para informação actualizada com bibliografia retrospectiva e um confronto luso-italiano, ver Maria Luisa Cusati, “Due Eleonore: D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lancastre, D. Leonor de Fonseca Pimentel”, *Estudos Italianos em Portugal*, n.s., 3, 2008, pp. 133-149.

⁹ A partir do romance *Il resto di niente*, publicado por Enzo Striano em 1982, que em



Na verdade, Leonor da Fonseca Pimentel é emblema das prepotências sofridas por uma mulher no plano matrimonial e de uma combatividade tenaz no plano cívico. Fez um casamento infeliz, em Nápoles, com Pasquale Tria de Solis, que a submeteu a maus tratos. Desde jovem que Leonor se distinguiu pela sua vastíssima cultura e pelos seus interesses de ordem científica e literária, tendo abraçado os mais lídimos princípios do cosmopolitismo napolitano e do Iluminismo europeu. Correspondeu-se com Metastasio e Voltaire e celebrou Carvalho e Melo na peça *Trionfo della virtù* (1777). Depois da separação do marido, dedicou-se com abnegação a causas cívicas e políticas, desenvolvendo com brilhantismo temas científicos, económicos e de direito. Quando a dependência do Reino de Nápoles do papado estava a ser discutida, traduziu para italiano uma obra capital da doutrina autonómica, o *Nullum ius Romani pontificis maximi in Regno Neapolitano* (1707), de Nicolò Caravita: *Niun diritto compete al sommo Pontefice sul Regno di Napoli. Dissertazione storica-legale del consigliere Nicolò Caravita, tradotta dal latino ed illustrato con varie note* (1790), a que acrescenta uma introdução, nutrida pelas leituras de Pietro Giannone, e também notas explicativas. Além disso, deu a conhecer aos italianos um dos últimos escritos de António Pereira de Figueiredo, o arquitecto da política de relacionamento entre Estado e Igreja ao tempo de Carvalho e Melo, *Analyse da profissão de fé do Santo Padre Pio IV*, editado em tradução italiana logo um ano após a sua publicação em Portugal: *Analisi della professione di fede del santo padre Pii IV* (1792). Esteve desde o primeiro momento ao lado dos patriotas que em 1799 instauraram a Repubblica Napoletana e dirigiu o seu órgão periódico, *Il Monitore Napoletano*. Nas suas páginas, levou a cabo uma acção educativa das populações e combateu firmemente as prepotências dos feudatários e a investida francesa. O alto nível cultural e a autonomia crítica desta mulher tiveram o seu preço. O mesmo corpo que nunca conseguiu levar a bom termo uma gravidez, dadas as sevícias que lhe eram infligidas pelo marido, foi enforcado a 20 de Agosto, quando a revolta fracassou.

À medida que nos vamos afastando de domínios susceptíveis de serem mais facilmente circunscritos, como é o caso das famílias reais e da

Itália obteve um retumbante êxito e foi traduzido para português sob título *A portuguesa de Nápoles* (trad. Simonetta Neto, Lisboa, Quetzal, 2004).



alta aristocracia, as relações entre Portugal e Itália, em geral, e as suas implicações de género, em particular, vão incidindo sobre campos cuja amplitude, como é natural, se vai fazendo progressivamente mais lata e abrangente. É extremamente vasta a dimensão abarcada pelo domínio da religiosidade. Roma é o grande centro donde dimanam as directrizes, tipicamente declinadas no masculino, a partir das quais são estruturadas e tuteladas formas de devoção e de organização que se estendem transversalmente a toda a Europa. Andam intimamente ligadas à promoção do cultivo das letras e a acções de filantropia. Mas além disso, a Itália é berço de movimentos que encontram grande receptividade, muitas vezes a título espontâneo, na cultura portuguesa.

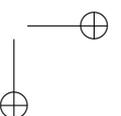
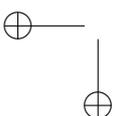
A Santa Cecília, Santa Clara, Santa Rita de Cascia ou Santa Catarina de Siena, é tributado um culto ancestral. Aliás, a ordem das Clarissas foi uma das primeiras regras femininas a instalar-se em Portugal, logo em 1258, na cidade de Lamego, e o ingresso de Isabel de Aragão no mosteiro de Santa Clara em Coimbra, depois do falecimento de D. Dinis em 1325, reafirma o seu prestígio.

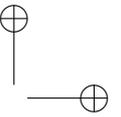
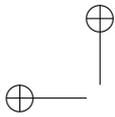
Quando as ordens mendicantes de São Francisco e de São Domingos começam a penetrar em Portugal, obterão uma grande receptividade no feminino. As infantas Teresa, Sancha e Mafalda, filhas de D. Sancho I, que se encontram ligadas à ordem de Cister, sustêm, da mesma feita, a entrada dos mendicantes. A elas se deve o apoio à empresa de missão africana dos malogrados franciscanos que partem para Marrocos e que são sacrificados, os Cinco Mártires de Marrocos¹⁰.

A fundação de novos mosteiros ou a reorganização de outros já existentes envolvia geralmente a chegada de religiosas provindas de casas estrangeiras, pelo que muito importaria, na senda de alguns trabalhos já realizados, recortar a incidência luso-italiana dessa circulação, bem como o seu impacto sobre o trabalho intelectual feminino¹¹. É bem sabido como,

¹⁰ O seu exemplo tocou tão profundamente o jovem Fernando de Bulhões, ou seja, Santo António de Lisboa e de Pádua, que o levou a seguir a mesma rota marítima, acabando porém por aportar no Sul de Itália. A *Legenda prima* ou *Assidua*, escrita por um frade menor anónimo (ab Maio de 1232), que contém a vida de Santo António, tem várias edições, de entre as quais, Léon de Kerval (ed.), *Sancti Antonii de Padua. Vitae duae quarum altera hucusque inedita*, Paris, Fischbacher, 1904.

¹¹ Ver, mais recentemente, Isabel Morujão, *Por detrás da grade. Poesia conventual*





para as mulheres, a via primordial de acesso às letras foi, ao longo de séculos e séculos, a vida religiosa.

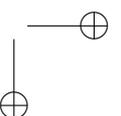
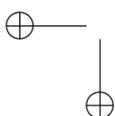
Noutros casos, a sintonia entre práticas e formas de sensibilidade religiosa de proveniência italiana processa-se de modo espontâneo. Sirva de exemplo o contributo de D. Mór Dias para a adopção de modelos de religiosidade especificamente femininos, numa acção que a teve por grande protagonista e que constitui um importante capítulo da história religiosa de Portugal¹². Em 1250 inicia, juntamente com outras mulheres, um movimento de autonomização em relação à casa de Santa Cruz de Coimbra, onde professara, e que estava ligada aos cónegos de Santo Agostinho. Transfere-se para a outra margem do Mondego, reivindicando o direito a uma vida religiosa que não se subordinasse ao modelo dos cónegos, e organiza uma comunidade. Os conflitos daí decorrentes arrastar-se-ão e só ficarão sanados com a intervenção de uma outra mulher, a rainha Isabel de Aragão. Daí decorre a autorização papal para a fundação do mosteiro de invocação a Santa Clara em Coimbra.

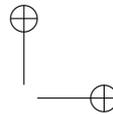
As instituições religiosas desempenharam também um importante papel na educação de meninas pertencentes a vários estratos sociais, embora a faceta mais facilmente apreensível desse processo seja a que diz respeito às famílias da aristocracia. A sua acção é capilar, quer em virtude das muitas instâncias envolvidas, quer pela dimensão do quadro mental instituído, que vai sendo afinado e reproduzido de geração em geração. De uma forma ou de outra, o padrão das virtudes femininas tende a espelhar os dotes da Virgem Maria na castidade, no silêncio e na obediência. O culto mariano encontra-se profundamente enraizado em Portugal, a ponto de, entre as primeiras manifestações do petrarquismo português, se distinguirem as canções que Francisco de Sá de Miranda dedica à Virgem e a Nossa Senhora da Anunciação¹³. O re-uso do modelo de Petrarca,

feminina (sécs. XVI-XVIII), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2013, com abundante informação. Sobre a escrita feminina em geral, ver Vanda Anastácio et alii (eds.), *Uma antologia improvável. A escrita das mulheres: séculos XVI a XVIII*, Lisboa, Relógio d'Água, 2013.

¹² Ver Helena Toipa, “Três momentos na existência do mosteiro de Santa-Clara-a-Velha”, *Humanitas*, 61, 2009, pp. 225-239.

¹³ Ver Rita Marnoto, “A canção à Virgem na literatura portuguesa do século XVI”, *Quaderns d'Italia*,





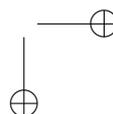
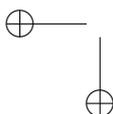
nestes termos, é extremamente precoce, em particular se o compararmos com outras literaturas europeias e mesmo a italiana. Antecede bastante a imitação da canção à Virgem feita por Torquato Tasso, quando o século XVI se aproxima já do fim.

Como é sabido, os tratados e os escritos programáticos sobre a educação da mulher foram quase exclusivamente concebidos, pelo menos até ao Iluminismo, por homens com base num essencialismo discriminatório. Este dado de facto admite, porém, alguns espaços de abertura ligados a certos filões do pensamento do Humanismo e do Renascimento italianos. Um dos primeiros tratados a escapar com maior evidência à misoginia dominante foi editado em Veneza pelo português Cristóvão da Costa (Christoval de Acosta), com dedicatória à rainha D. Catarina, viúva de D. João III: *Tratado en loor de las mugeres y de la castidad, onestidad, constancia, y iusticia: Con otras muchas particularidades, y varias historias* (1592)¹⁴.

Em ambiente laico, o primeiro grupo de mulheres letradas de que há notícia encontra-se vinculado aos modelos do Humanismo italiano. Insere-se nos círculos da corte e foi criado tendo em vista a educação de uma infanta a vários títulos excepcional, pelo seu saber e pela sua dedicação às letras, D. Maria (1527-1545), filha de D. Manuel I e de D. Leonor¹⁵. Foram suas mestras Luisa Sigea, a filha do humanista Diogo Sigeu vinda de Toledo, e Joana Vaz. Reuniu em torno dela um grupo de eruditas que partilhava os seus interesses, ao qual pertencia a “Menesia”, filha de João Rodrigues de Sá e Meneses, Paula Vicente, filha de Gil Vicente, e Públia Hortênsia de Castro. Na verdade, o desvelo ou a

¹⁴ Considerem-se também os tratados de Rui Gonçalves, *Dos privilegios e praerrogativas q ho genero feminino tem por derecho com e ordenações do reyno mais que ho genero masculino* (1557); Duarte Nunes de Leão, *Descrição do reino de Portugal* (1785, 2.^a ed.); Félix José da Costa, *Ostentação pelo grande talento das damas contra seus emulos* (1741). Ver Maria de Lurdes Correia Fernandes, *Espelhos, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, FLUP, 1995.

¹⁵ A infanta e o seu círculo foram estudados por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas damas*, 2.^a ed., pref. Américo da Costa Ramalho, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994; e por Américo da Costa Ramalho, “A infanta D. Maria e o seu tempo” [1986], id., *Para a história do Humanismo em Portugal*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988, pp. 87-103; id., “A propósito de Luísa Sigeia” [1971], id., *Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982, pp. 185-197.



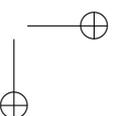
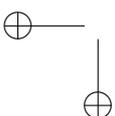


condescendência de D. João III para com estas mulheres letradas dissimulava, muito possivelmente, o objectivo de protelar o casamento de sua irmã. Seria desfavorável para os cofres do reino, porque D. Maria era uma das mais ricas princesas do seu tempo, o que colocava a questão do dote. Os testemunhos quinhentistas são unânimes nos louvores que tributam à sua craveira intelectual e aos seus conhecimentos sobre o mundo antigo. Quer isto dizer, por conseguinte, que as suas invulgares capacidades são postas ao serviço de uma estratégia que, em função dos objectivos visados, que são adiar o seu casamento, se dispõe a ignorar a mentalidade essencialista que considerava a mulher destinada ao casamento e à procriação. Mas ignorar não significa superar.

Luisa Sigea, cujas capacidades intelectuais são muito louvadas pelo italiano Gerolamo Britonio, que a conheceu nos anos em que estanciou em Lisboa, é autora de um diálogo em que contracenam duas mulheres, uma de Roma, outra de Siena. Intitula-se *Duarum virginum colloquium de vita aulica et privata* (1552) e coloca na boca de Belisaria várias observações, muito avançadas para o seu tempo, que desmascaram as faltas e os interesses que os homens poderosos encobrem com a afabilidade, pelo que não resta a uma mulher sensata se não afastar-se do bulício do mundo e fazer uma vida retirada. O diálogo passa-se em Itália e a sua ambientação estrangeira talvez sirva de camuflagem, justificando-a, à expressão de determinados conteúdos mais ousados, em função desse deslocamento no espaço. Alguns poemas que escreveu em castelhano já foram interpretados como afirmação de uma voz feminista melancólica e dorida que recusa ser objecto tipificado e descentrado do louvor masculino¹⁶.

Na verdade, o modelo lírico petrarquista, nos termos em que foi imitado por poetas de toda a Europa, institui um descentramento que faz da mulher centro declarado de experiências sentimentais cujo verdadeiro centro é o poeta. Contudo, não há dúvida que se deve a um poeta português, Luís de Camões, o pioneirismo na subversão desse registo nas trovas que dedicou à Bárbara escrava. O amante constantemente insatisfeito encontra a felicidade no amor que dedica a uma escrava de tez e cabelos pretos, através de uma atitude de reconhecimento do outro. Tanto assim

¹⁶ É o ponto de vista de Mar Martínez Góngora, "Poesía, melancolia y subjetividad femenina: la humanista Luisa Sigea", *Neophilologus*, 90, 2006, pp. 423-443.





é que, em pleno século XX, vários foram os ilustres críticos camonianos a mostrarem-se incrédulos perante esse desvio do padrão dominante, pela parte do poeta nacional português, o que os levou a embrenharem-se em esforços acrobáticos para a sua explicação à luz do paradigma masculino eurocêntrico¹⁷.

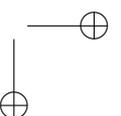
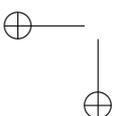
No *Cancioneiro de Fernandes Tomás* anda uma prosa satírica atribuída ao poeta petrarquista Fernão Rodrigues Lobo Soropita, falecido em 1605, onde fica contida aquela que será a primeira alusão, embora ainda coberta por um véu alegórico, à escrita feminina petrarquista. Intitula-se *Comentarios çaragosanos, sobre os desposorios da saudade, com o descontentamento*¹⁸. Saudade é uma menina gentil e melancólica, filha de um Cupido homiziado e da enteada do Alcaide da Tajada. Além de pintar, “As horas que não gastava nisto, ficavão lhe reservadas para a poessia, em que se veo a empolgar de maneira, que de conseptos de Petrarcha e Garcilasso e de outros beverões, se lhe fes hum charquo a porta, aonde andavão mais Rans que na ponte do soro”¹⁹. Este passo, ao pôr a ridículo o cultivo da arte da pintura e da poesia petrarquista por parte de uma mulher, oferece-nos um testemunho precioso de que essas práticas eram dotadas de expressão social. Igualmente significativo é o silêncio que os arquivos até hoje têm manifestado sobre o assunto.

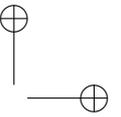
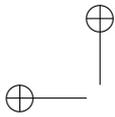
Até ao Iluminismo, a escrita das mulheres está muito dependente de factores sociais que a subalternizam e, a ser admitida, tende ela própria a moldar-se a esses padrões, ou então é sujeita a formas de controle que instituem essa conformidade. Ilustram-no bem os escritos de duas mulheres que já referimos, uma que casa em Itália, Maria de Portugal, esposa de Alessandro Farnese, outra que casa em Portugal, Maria Francesca Elisabetta de Sabóia, esposa de Afonso VI e depois de Pedro II. Ambas registaram páginas onde se reflecte claramente a forma como ocupavam o seu tempo e o sistema de valores a que obedeciam. São imbuídas pela apologia de virtudes ancestralmente atribuídas ao feminino e visam o horizonte pragmático da sua transmissão e perpetuação geracional.

¹⁷ Como explanado por Rita Marnoto, “Laura Bárbara”, id., *Sete ensaios camonianos*, Coimbra, CIEC, 2007, pp. 33-106.

¹⁸ *Cancioneiro de Fernandes Tomás*, ed. facsimilada, preâmbulo Fernando de Almeida, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, 1971, fls. 114-115.

¹⁹ *Ib.*, fl. 114v.





De Maria de Portugal, conhecem-se várias cartas e uma *Vita* em italiano²⁰. Esta obrinha reúne um conjunto de apontamentos, reflexões e normas, como se de um manual para orientação da conduta e para alcance da salvação interior se tratasse. Dirige-se a uma destinatária cuja identidade não é especificada, mas na verdade o texto apenas é conhecido através da reelaboração que dele fez o seu confessor, o jesuíta Sebastião de Moraes. Trata-se de um exemplo palmar de apropriação da voz feminina por uma instância masculina autocrática. Teve um sucesso tal que dele saíram dezasseis edições em Itália e três em Espanha.

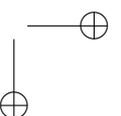
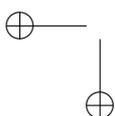
Por sua vez, Maria Francesca Elisabetta de Sabóia foi autora de um opúsculo pedagógico destinado à sua única filha, Isabel Luísa Josefa, e que nunca foi editado²¹. Divide-se em quatro partes, todas elas consagradas aos deveres perante Deus, perante si própria, perante a família e perante os subalternos. Não deixa de notar que a leitura é uma das formas de combater o ócio, aconselhando obras espirituais.

A austeridade que transborda da pena de Maria Francesca Elisabetta de Sabóia contrasta com as facetas mais vistosas da produção literária que inspirou. As Academias da época dedicaram efusivos poemas ao seu casamento com D. Afonso VI. Mas uma das peças mais deslumbrantes da poesia barroca portuguesa, o *Lampadário de cristal*, de Jerónimo Baía, tem por fulcro o espantoso lustre que Maria Giovanna Battista, sua irmã, lhe enviou de presente. Os 1279 versos do *Lampadário de cristal* condensam uma acumulação de recursos retóricos de uma prodigalidade dificilmente superável.

A primeira defesa, em termos programáticos e decisivos, da formação intelectual da mulher, surgirá por meados do século XVIII, e o ambiente onde germina é o do Iluminismo italiano. O tratado leva como marcas de impressão a cidade de Nápoles, no ano de 1746: *Verdadeiro método*

²⁰ Maria de Lurdes Correia Fernandes, "A *Vida* de Maria de Portugal, Princesa de Parma: do texto ao comentário", in *D. Maria de Portugal princesa de Parma (1565-1577) e o seu tempo. As relações culturais entre Portugal e Itália na segunda metade de quinhentos*, Porto, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Instituto de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, pp. 155-182.

²¹ Informação por Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, "Maria Francesca Isabella di Savoia (1646-1685), regina del Portogallo", in Maria Antónia Lopes, Blythe Alice Raviola (eds.), *Portogallo e Piemonte [...]*, p. 142.



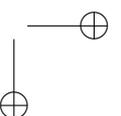
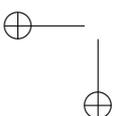


de estudar para ser útil à república e à Igreja proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal exposto em várias cartas pelo R. P. *** Barbadinho da Congragação de Itália²². O seu autor, Luís António Verney, é o Secretário da Legação em Roma que prolongará a sua estadia em Itália, numa espécie de auto-exílio, até ao último dos seus dias. A defesa desta e de outras posições infiltradas pelos ideais iluministas exigem-lhe uma certa prudência perante ameaças que o seu estatuto masculino não salvaguarda, pelo que não assume a autoria. A propósito da educação das mulheres, cita Fénelon, arcebispo de Cambrai, autor do *Traité de l'éducation des filles*, referindo-se também, de modo deliberadamente vago, a autores franceses e italianos. Na verdade, as suas ideias muito devem a Ludovico Muratori e a Francesco Algarotti, nomes que porém evita citar por precaução. Para defender a mulher, serve-se, pois, de uma estratégia indirecta, dado que o seu estatuto de género, por si só, não lhe garante essa alforria.

Verney foi membro da Arcadia Romana, fundada em 1690, uma instituição que recebeu grandes apoios, também pecuniários, de D. João V. Essa instituição correspondia ao ideal de uma república das letras alargada a todo o globo, nos termos em que Muratori a ideara. A sua fundação fora preparada por Cristina da Suécia e de entre os seus membros contavam-se várias mulheres. Apesar de muitos serem os nomes de portugueses que dela faziam parte, a começar pelo próprio D. João V, não há notícia de nenhuma mulher. A não ser que se faça valer a “portuguesinha de Nápoles”, ou seja, Eleonora De Fonseca Pimentel. Desde muito jovem que Leonor compunha e editava poesia. Como membro da Arcadia Romana, usou o pseudónimo de Altidora Esperetusa, tendo também feito parte da Accademia dei Filaleti como Epolnifenora Olcesamante, anagrama do seu nome civil.

Por sua vez, a Arcádia Lusitana foi fundada em Lisboa no ano de 1756, seguindo o modelo da Arcadia Romana, mas das duas listas dos seus membros que chegaram até nós, a de Aragão Morato e a de Teófilo

²² Sobre as circunstâncias da edição, encontra-se informação detalhada em António Alberto Banha de Andrade, *Vernei e a cultura do seu tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1966. Contudo, tanto o tratado de Verney como a posição acerca da educação das mulheres que nele defende carecem de um estudo actualizado.



Braga, não resulta uma só mulher²³. Os grandes passos que ao longo do século XVIII são dados, em Itália e noutros países da Europa, no sentido de admitir o acesso das mulheres às letras, são ainda titubeantes em Portugal. Apesar disso, de entre as mulheres que se começam a destacar como autoras de poesia, ainda num ambiente restrito que resiste a ultrapassar as portas de casa, distingue-se uma poeta de origem italiana, Francisca Possolo, filha de Nicolau Possolo, de raízes genovesas, e de Maria do Carmo Correia de Magalhães.

Os preconceitos eram muitos, e a sua reprodução acrítica ao longo dos tempos levou a muitas distorções de óptica. Considere-se, a esse propósito, o caso da cantora lírica italiana Zamperini. Apesar de, no século XVIII, o fulgor do Classicismo italiano estar a dar os seus últimos lampejos, a Itália mantém-se na vanguarda do mundo do palco. Companhias, actores e actrizes italianas estão presentes em toda a Europa, atraindo um vasto público. Uma das mais famosas protagonistas da cena italiana de Lisboa foi a Zamperini, a quem é atribuída uma grande beleza e um oportunismo de desastrosas consequências. É-lhe imputada a responsabilidade do encerramento da Instituição Estabelecida para a Subsistência dos Teatros Públicos da Corte, criada por 40 comerciantes de Lisboa que se cotizaram para criar uma sociedade que fizesse do teatro uma fonte de formação e uma arma contra os maus costumes. Contudo, a cronologia da entrada da família Zamperini em Portugal, em Junho de 1772, tal como foi mais recentemente apurada, inviabiliza uma tal versão²⁴. O alarde público que o caso mereceu teve por consequência o reforço dos entraves que instâncias do poder colocavam ao trabalho de cantoras ou actrizes. O talento e a exuberância da Zamperini prestavam-se a uma operação de

²³ Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato, "Memória sobre o estabelecimento da Arcádia de Lisboa e sobre a sua influência na restauração da nossa literatura", *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 6, 1, 1819, p. 81; Teófilo Braga, *A Arcádia Lusitana. Garção, Quita, Figueiredo, Dinis*, Porto, Chardron, Sucessores Lello & Irmão, 1899, pp. 210-229.

²⁴ A reposição da cronologia exacta deve-se a Manuel Carlos de Brito, *Opera in Portugal in the Eighteenth Century*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989, pp. 94-95. No *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*, de Francisco Solano Constancio, registam-se as formas "enzamparinado" e "enzamparinar-se" com o significado de "andar doido pela Zamperini, apaixonar-se por ella, applaudi-la com fervor" (Paris, Angelo Francisco Carneiro, 1836, p. 486, c. 2).

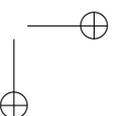
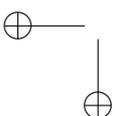


propaganda desse género. A generalizada difusão, ainda hoje, dessa versão difamatória, mostra a facilidade com que a demonização do feminino pode ser usada para camuflar situações que poderão ser de uma ordem bem diferente.

Com o fim da sociedade de antigo regime, a prospecção do diálogo luso-italiano no feminino ganha um novo espectro, passando a dispor de outros meios de pesquisa. Os arquivos e os registos de memórias de tempos mais recuados privilegiam, como é sabido, a informação relativa aos grupos sociais elevados, em detrimento dos restantes, ao que acresce a generalizada subalternização da documentação que diz respeito à mulher e à sua esfera de actuação. A perda dessa memória instaura um vazio dificilmente colmatável, cujos efeitos sobre o estudo das relações entre Portugal e Itália não podem deixar de ter consequências limitativas. Abrange aquelas esferas que mais de perto se ligam à intimidade, ao trabalho doméstico ou à educação, que são femininas e feministas. No reverso dessa atitude, fica inscrito o imperativo não só de valorizar o estudo da informação remanescente, como também de zelar pela preservação do presente, através do levantamento de situações e do incremento de grupos de discussão com incidência internacional.

Na verdade, a maior expressão documental que, no século XIX, começam a ganhar comportamentos e formas de actuação de mulheres ligadas a grupos sociais mais modestos deixa em aberto um manancial de dados a explorar, também no campo do diálogo luso-italiano. Às modalidades de envolvimento mais patentes, acrescentam-se sintonias que, por serem menos visíveis, não são menos ricas e significativas. Recorde-se a revolta da Maria da Fonte, a minhota que em 1846 organizou a sublevação de um grupo de trabalhadoras do campo contra o governo de Costa Cabral. Na sombra dessa revolta, encontravam-se destacadas figuras da vida política portuguesa, e o músico de Parma Angelo Frondoni também foi cooptado. Compôs um dos mais populares estandartes do movimento, *O hino da Maria da Fonte*. Foi imediatamente proibido e no tempo da resistência à ditadura de Salazar e de Marcelo Caetano era trauteado em surdina pelos opositores ao regime, como uma espécie de senha²⁵. Ainda hoje é

²⁵ Também José Afonso homenageou Maria da Fonte e essa revolta em *As sete mulheres do Minho*, do LP *Fura-fura*, editado em 1987.



hino ministerial.

Já no século XX, com o governo desses ditadores inicia-se um período de grande sintonia ideológica entre os dois países e os modelos de educação e formação da mulher consubstanciam uma faceta muito sintomática desse conluio. O regime fascista italiano concebeu e pôs em prática, nesse campo, um programa cujas orientações foram transferidas para Portugal. Infiltrou livros escolares, folhetos de propaganda e publicações destinadas à mulher, bem como o braço feminino da organização tentacular que era a Mocidade Portuguesa. A Mocidade Portuguesa Feminina foi criada em 1937, por decalque da sua congénere italiana²⁶. Além disso, através da colonização portuguesa, expandiu-se até aos territórios de outros continentes. Nesses domínios, apoiou-se, durante os últimos anos do governo de Mussolini, na actividade levada a cabo pelos Institutos Italianos de Cultura sediados nas colónias de África.

É certo que, entretanto, núcleos intelectuais mais abertos iam promovendo a tradução e a edição de escritoras italianas, em particular no campo da narrativa²⁷. O romance de Renata Viganò, *Agnese va a morire*, é editado em 1966 pela Portugália, com o título de *Inês vai morrer* na tradução de José Egipto de Oliveira Gonçalves. Do prémio Nobel da Literatura de 1926, Grazia Deledda, sai a recolha de contos *Os três irmãos*, numa edição feita em Lisboa mas sem mais referências²⁸. No plano do

²⁶ Informação em Irene Flunser Pimentel, *Mocidade Portuguesa Feminina*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2007. Aliás, a intromissão da política fascista em matérias culturais e literárias por via indirecta foi, até à segunda guerra, incisiva em toda a linha. Manuel G. Simões mostrou como a intervenção de Guido Batteli, agente da política cultural fascista que trabalhava em Portugal, na edição de Florbela Espanca, redundou na omissão de passos com os quais Batteli não se identificava pessoal e ideologicamente ("Guido Batteli e a poesia portuguesa", *Estudos Italianos em Portugal*, n.s., 5, 2010, pp. 135-149).

²⁷ Aos dois contributos para um levantamento das traduções de autores/as portugueses/as em Itália (José Raposo Costa, *Autori portoghesi tradotti ed editi in Italia, narrativa, poesia, saggistica (1898-1998)*, Roma, Ambasciata del Portogallo, 1999; Manuel G. Simões, *20 anos de literatura portuguesa em Itália. Traduções 1974-1994 | 20 anni di letteratura portoghese in Italia. Traduzioni 1974-1994*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994), não correspondem trabalhos semelhantes de italiano para português.

²⁸ Também em tradução portuguesa, sai no Rio de Janeiro o grande retrato do mundo sardo, *Caniços ao vento* (*Canne al vento*, 1913), com introdução e ilustrações de Mário de Murtas (Delta, 1964), que tem sucessivas edições em 1971 e 1973.



ensaio, os movimentos de libertação da mulher que explodem em Itália na década de 1960 não têm voz em Portugal, aliás, à semelhança do que se passa com os de outros países. A sobrevivência de Oriana Fallaci ao obscurantismo da censura prévia parece ser um caso isolado²⁹.

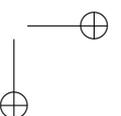
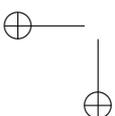
Das pesquisas realizadas acerca da publicação a partir de 1974, em tradução portuguesa, de obras italianas sobre feminismo e estudos de género, não resultam dados significativos. Oriana Fallaci continua a ser regularmente editada e o seu nome ganha grande ressonância, em particular, graças ao sucesso de *Carta a um menino que nunca nasceu (Lettera a un bambino mai nato, 1975)*³⁰.

O grande público português continua a não ter acesso, na actualidade, aos escritos desse filão italiano em versão portuguesa. Paralelamente, das pesquisas que me foi dado efectuar, resulta que também não é genericamente contemplado pelas bibliografias temáticas trabalhadas na docência universitária. Um assunto tão premente como a situação das mulheres que migram para Itália, com a diversidade das situações implicadas e na sua ligação aos sistemas de apoio governamental e não governamental que vão sendo criados, é superficialmente conhecido em Portugal. Paralelamente, pouco ou nada se sabe acerca dos estudos que têm vindo a ser dedicados ao assunto³¹. Apesar de este estado de coisas dizer respeito

²⁹ A assinalar: *Penélope na guerra*, trad. Clara d'Oli, Lisboa, Palirex, 1969 (*Penelope alla guerra*, 1969, o seu primeiro romance que conta a viagem de uma jovem italiana a Nova Iorque); *Nada e assim seja*, trad. Elsa Ferreira, Lisboa, Edições Palirex, 1971 (*Niente e così sia*, 1969, sobre a experiência de Fallaci como repórter de guerra no Vietname). Colabora, além disso, com Araújo Lopes e Régis Debray em *A Bolívia e as lutas de guerrilhas na América Latina*, Lisboa, Mundo Novo, 1972.

³⁰ Editado em 1976 pela Arcádia e pelo Círculo de Leitores com tradução de Gaetan Martins de Oliveira. Dela foram igualmente editados: *Entrevista com a história*, trad. Virgílio Martinho, Lisboa, Círculo de Leitores, 1975 (*Intervista con la storia*, 1974); *Um homem: romance*, trad. J. Teixeira de Aguiar, Mem Martins, Europa-América, 1979, 1980, 1982, 1988 (*Un uomo*, 1979); *Inchallah*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, D. Quixote, Círculo de Leitores, 1992 (*Insciallah*, 1990); *A raiva e o orgulho*, trad. António Maia da Rocha, Miraflores, Difel, 2002, com duas edições no mesmo ano (*La rabbia e l'orgoglio*, 2001); *A força da razão*, trad. António Maria da Rocha, Algés, Difel, 2004, 2005 (*La forza della ragione*, 2004).

³¹ Assinalem-se, no seio de uma bibliografia muito vasta e em expansão: Franco Cambi et alii, *Donne migranti. Verso nuovi percorsi formativi*, Pisa, ETS, 2003; Charito Basa, Rosalud Jing de la Rosa, *Io, noi e loro. Realtà e illusioni delle collaboratrici familiari*



não só ao diálogo luso-italiano no feminino, como também a largas faixas do relacionamento entre os dois países, lança acutilantes questões acerca da solidariedade de uma Europa comunitária.

Da parte italiana, duas operações de uma certa consistência e relevo há a assinalar, ambas remontando a mais de duas décadas atrás e aparentemente sem continuidade. A primeira é a tradução, em 1977, das *Novas cartas portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa³². A edição original, de 1972³³, fora de imediato apreendida pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) e os exemplares encontrados foram destruídos, ao que se seguiu a instauração de um processo às autoras. A segunda é a antologia de poesia de mulheres portuguesas de Adelina Aletti, *Gli abbracci feriti. Poetesse portoghesi di oggi*³⁴. Nela se encontram representadas Sophia de Mello Breyner Andresen, Natália Correia, Salette Tavares, Maria Alberta Menéres, Maria da Saudade Cortesão, Ana Hatherly, Maria Teresa Horta, Luiza Neto Jorge, Maria Amélia Neto, Fiamma Hasse Pais Brandão, Yvette Kace Centeno, Tera Balté, Maria Velho da Costa, Isabel Ary dos Santos e Olga Gonçalves.

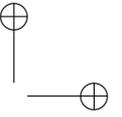
Não é, de modo algum, objectivo desta intervenção acerca do diálogo luso-italiano no feminino ter qualquer ambição de exaustividade. O itinerário que foi possível percorrer, apesar da sua devida brevidade, mostra

filippine, s.l., Filipino Women's Council, 2004; Francesca Lagomarsino, *Esodi ed approdi di genere. Famiglie transnazionali e nuove migrazioni dall'Ecuador*, Milano, Franco Angeli, 2006; Maria I. Macioti et alii (eds.), *Migrazioni al femminile. Identità culturale e prospettiva di genere*, Macerata, EUM, 2006; Marta Simoni, Gianfranco Zucca (eds.), *Famiglie migranti. Primo rapporto nazionale sui processi d'integrazione sociale delle famiglie immigrate in Italia*, Milano, Franco Angeli, 2007; Raimondo Catanzaro, Asher Colombo (eds.), *Badanti & Co. Il lavoro domestico straniero in Italia*, Bologna, Il Mulino, 2009; Francesca Alice Vianello, *Migrando sole. Legami transnazionali tra Ucraina e Italia*, Milano, Franco Angeli, 2009; *Gli effetti dell'immigrazione poco qualificata sull'offerta di lavoro femminile*, Roma, Banca d'Italia, 2010; Francesco Vietti et alii, *Il paese delle badanti*, Torino, SEI Frontieri, 2012; Mara Tognetti Bordogna, *Donne e percorsi migratori. Per una sociologia delle migrazioni*, Milano, Franco Angeli, 2013.

³² *Le nuove lettere portoghesi*, pref. Armanda Guiducci, trad. Marina Valente, Milano, Rizzoli, 1977.

³³ Lisboa, Estúdios Cor, 1972.

³⁴ Preparada e traduzida por Adelina Aletti, com intr. de Luciana Stegagno Picchio, Milano, Feltrinelli, 1980.



bem, contudo, a riqueza deste campo de estudo, de actuação e de intercâmbio. Muito há a investir num domínio com carências, mas com certeza promissor, quando dimensionado à luz de uma linha organizadora mais vasta que apoie o estudo das relações entre Portugal e Itália de forma sustentada.

